

TRADUÇÃO

FILANTROPIA, CONTROLE HEGEMÔNICO E A EDUCAÇÃO POPULAR^{1*}

SOCIEDADE PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA NORUEGA, 1850-1870

Sigvart Tøsse²

RESUMO: A fundação da Sociedade para a Promoção da Educação Popular no início da década de 1850 foi resultado de uma mistura única de fatores singulares da Noruega e o pensamento educacional europeu, comum nos primeiros tempos do liberalismo clássico. O artigo discute os fundamentos e fatores desencadeantes que levaram à fundação da Sociedade, analisa sua ideologia, estratégias e revisões de suas atividades. Um impulso principal parece ser a organização bem sucedida do movimento dos trabalhadores noruegueses após a Revolução de 1848, na França, o que explica o foco da Sociedade no controle hegemônico através de meios educativos. Um segundo fator foi a emergente ideia da instrução e do conhecimento como fatores-chave do progresso econômico. Uma terceira razão está relacionada com a descoberta do “povo” que estimulou uma nova maneira de pensar sobre o autoaperfeiçoamento e autoeducação, como formas implícitas da aprendizagem a partir da experiência popular do trabalho e da própria vida. Quando a Sociedade dirigiu-se à instrução das pessoas, a tentativa era esclarecer a classe trabalhadora. No entanto, uma vez que restringia suas atividades de difusão do

¹ * Artigo inicialmente apresentado na 31ª sessão do ISCHE, 26-29 de agosto de 2009 em Utrecht.

Tradução: Dra. Sheille Soares de Freitas.

Revisão da tradução: Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto.

² Pesquisador do Centro de Pesquisa e Aprendizagem Vitalício (ViLL) — Lifelong Learning Research Centre. Universidade Norueguesa de Tecnologia e Ciência (NTNU) — The Norwegian University of Technology and Science. Em Trondheim. Noruega.

conhecimento por meio de material escrito, principalmente compilados em um jornal, em grande parte não cumpriu sua visão *trickle down*, de aprendizagem para as massas. A Sociedade, portanto, conscientemente, mudou o seu foco para a classe média crescente. A partir da década de 1870, a Sociedade estava preocupada, principalmente, com a manutenção e produção de seu periódico, mas ele morreu, literalmente, em 1900.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Hegemonia. Povo. Século XIX.

ABSTRACT: The founding of the Society for the Promotion of the Enlightenment of the People in the beginning of the 1850s was a result of an unique mixture of indigenous Norwegian factors and common European educational thinking in the hey-days of classical liberalism. The paper discusses the background and triggering factors that led to the foundation of the Society, analyzes its ideology and strategies and reviews its activities. One main impetus seems to be the successful organisation of the Norwegian labour movement in the 1848's revolution in France, which explains the Society's focus on hegemonic control through educational means. A second factor is the emergent idea of enlightenment and knowledge as key factors of economic progress. A third reason is related to the discovery of "the people" which stimulated a new way of thinking about self-improvement and self-education as implicit forms of experiential popular learning from work and life itself. When the Society addressed the enlightenment of the people it meant the lower classes. However, as it mainly restricted its activities to the dissemination of knowledge through written material, primarily compiled in a journal, it largely failed in its vision to "trickle down" learning to the masses. The Society therefore consciously shifted its focus to the growing middle classes. From the 1870s, the Society was mainly concerned about keeping its journal running, but it literally died in 1900.

KEYWORDS: Education. Hegemony. People. 19th Century.

Introdução

Em 23 de abril de 1850, os leitores de jornais na capital da Noruega puderam ler a chamada pública para a fundação de uma Sociedade para a Promoção da Educação Popular (doravante abreviado como Sociedade). O iniciador foi Hartvig Nissen (1815-1874), por esse tempo, o mais importante educador e reformador escolar no país, e a partir de 1850, diretor-executivo do Ministério Eclesiástico e de Assuntos educacionais. O objetivo, do convite público, disse, foi para “expandir a autoconsciência do povo”, divulgando “leitura enobrecedora e útil para as pessoas” (Livro de Atas; Reimpresso em *Folkevennen*, 1861:649). O convite foi aceito por 26 pessoas ilustres, entre eles seis professores, um bispo, um ministro e alguns clérigos. A Sociedade foi fundada no ano seguinte, com Nissen como o primeiro presidente, e imediatamente iniciou os seus trabalhos na divulgação do conhecimento por meio da publicação de um novo periódico, *Folkevennen* (Amigo do Povo). Os anos de ouro foram nas décadas de 1850 e 1860, e durante este período, o número de assinantes (idêntico ao número de membros da Sociedade) atingiu um pico entre quatro e cinco mil, que, levando em consideração a grande proporção de pessoas analfabetas e o tamanho total da população, é bastante notável. A partir da década de 1870, no entanto, a atividade decresce e o número de assinantes diminui. A Sociedade, literalmente, morreu e deixou de publicar o periódico em 1900, devido a dívidas acumuladas ao longo dos últimos anos da sua existência.

As questões investigadas que eu tento responder neste artigo são: qual é o pano de fundo para esta iniciativa e por que se concretiza em 1850? Que ideias e opiniões fundamentam esta iniciativa e as atividades posteriores? O que a Sociedade fez para colocar seus objetivos em prática? Em outras palavras, o foco deste trabalho é o contexto histórico, sua ideologia ou mais especificamente, as ideias filosóficas e educacionais dos líderes da Sociedade e da organização. O artigo, portanto, está estruturado em três partes principais: primeiro, discuto o contexto e fatores desencadeadores, em segundo lugar, analiso a ideologia da So-

cidade e, finalmente, concentro em suas atividades e estratégias.

O artigo é baseado primordialmente em fontes primárias, em primeiro lugar o Livro de Atas da Sociedade e seu periódico *Folkevennen*. Além disso, usei uma série de reportagens e artigos escritos por alguns dos líderes que foram publicados em outros lugares, debates parlamentares, bem como a literatura mais geral de apoio à minha análise contextual. Esta análise da Sociedade tem sido parte da minha tese de doutorado sobre o desenvolvimento histórico da educação de adultos na Noruega (Tosse, 2005).

Antecedentes e Fatores Desencadeadores

Na Noruega, a frequência obrigatória no ensino primário nas zonas rurais foi introduzida já em 1739, mas as estatísticas escolares, um século mais tarde, mostraram que a taxa de abandono era tão elevada que as crianças tinham, em média, apenas oito semanas de escolaridade. Nas áreas urbanas, que foram isentas da lei até 1848, as oportunidades educacionais para as pessoas comuns eram ainda piores. A implementação em 1837 de um sistema de autocontrole local, por meio de representantes eleitos foi, no entanto, um grande impulso aos esforços para elevar o nível geral de instrução do povo, e vários planos destinados a melhorar as escolas primárias municipais foram lançados. Estas reformas tinham, geralmente, oposição dos agricultores que recebavam impostos mais elevados. Recomendações ao Parlamento para estabelecer maior número de escolas elementares para as pessoas comuns a fim de criar “cidadãos informados, inteligentes e capazes de serem membros dos conselhos locais” falhou por razões semelhantes (Debate Parlamentar, 1845, 9, p. 28. Todas as traduções no artigo são minhas). Como os agricultores compunham a maioria dos representantes eleitos nas comissões da escola local, bem como no Parlamento, as insuficientes normas da educação infantil e juvenil tinham um efeito prejudicial e, paradoxalmente, negativo sobre a expansão da democracia. Além disso, a construção de uma educação pública também foi negligenciada por razões ideológicas. A opinião geral nestes pri-

meiros tempos do liberalismo clássico era que o Estado não tinha nenhuma obrigação de promover a educação infantil e de jovens, e definitivamente, não popularizar a educação de adultos, com a única exceção ao ensino e conhecimento religioso. A dotação de “conhecimento e cultura, que encontra o necessário para o exercício dos direitos de cidadania... devem ser deixados para a decisão individual,” acreditavam os políticos (Debate Parlamentar, 1845, 9, p. 32-33). Hartvig Nissen concluiu destas discussões que as pessoas deveriam ser informadas e esclarecidas caso houvesse qualquer esperança de reforma escolar.

Um segundo conjunto de fatores que explicam o maior enfoque na educação e na instrução da população está relacionado com o fato da revolução industrial na Noruega iniciar na década de 1840. A retomada econômica durante este período trouxe consigo uma crença no desenvolvimento e modernidade e revitalizou a crença iluminista na ciência, razão e otimismo como base para o progresso contínuo.

O curso do tempo segue o caminho da instrução, passo a passo; este é o curso do indivíduo, bem como o desenvolvimento de toda a humanidade, Nissen observou. (Nissen, 1852).

Inspirado pelo otimismo do progresso, o Parlamento e o Governo – apesar de seu principal endosso do *laissez-faire* político – lentamente tomaram medidas para realizar uma intervenção estatal modesta para remover os obstáculos a esse desenvolvimento progressivo. Uma das iniciativas foi a nomeação de uma comissão pública para combater a pobreza, especialmente entre os arrendatários. De acordo com a lógica contemporânea da qual fazia parte, a pobreza era considerada um dos males sociais que impedia o progresso. Miséria econômica e criminalidade era, acima de tudo, um resultado da pobreza espiritual, um “produto de maus hábitos, ignorância e vulgaridade”, declarou a Comissão sobre a Pobreza. Consequentemente, as autoridades do Estado também emitiram parecer de que a instrução e a melhoria da educação era a principal solução para o problema da pobreza, e

uma vez resolvido, o progresso econômico e social seria estimulado. (Tosse, 2005:104).

Um terceiro grupo de fatores desencadeadores foi a crescente agitação e sentimentos de mudança e de instabilidade que afetaram diferentes áreas da sociedade. Este processo foi, em parte, uma consequência das mudanças econômicas, especialmente o estabelecimento de fábricas têxteis, oficinas e outras fábricas nas cidades maiores que atraíram trabalhadores provenientes dos distritos rurais e criou a base para a nova classe de trabalhadores sem propriedades. O desenvolvimento do transporte, por exemplo, melhoria de estradas e a introdução de barcos a vapor e ferrovias também estimulou a migração e viagens. A melhoria do transporte e comunicação estabeleceu as bases para um rápido crescimento dos jornais que, por sua vez, promoveram o desenvolvimento do debate, argumentação e espaço para a formação da opinião pública. Um fenômeno especial de turbulência social foi desenvolvido com a formação dos movimentos sociais dos leigos e dissidentes que, após a abolição, em 1845, da antiga lei restritiva sobre dissidentes, estes agora poderiam organizar-se livremente. A crescente influência das diversas seitas dissidentes, particularmente os Mórmons, fez, no entanto, muitos se preocuparem com elas. Ole Vig (1824-1857), um dos iniciadores e o primeiro editor do periódico da Sociedade *Folkevennen*, acreditava que a ignorância causou tal “loucura como a fé Mórmon”. O pesquisador de folclore Eilert Sundt (1817-1875), também um dos iniciadores e líderes, mais tarde apoiou esta posição quando os resultados de sua pesquisa revelaram que os dissidentes foram recrutados, principalmente, entre os menos escolarizados (Sundt, 1858 / 1968:53). A solução ainda nesta área foi, por conseguinte, promover o esclarecimento e instrução da população para evitar que extremistas religiosos pudessem “dividir a Igreja e agitar o povo” como diziam alguns representantes no Parlamento. (Tosse, 2005:106).

A maior preocupação – e, provavelmente, o principal impulso para a fundação da Sociedade – foi, no entanto, a criação do primeiro movimento de trabalhadores na Noruega, logo após a Revolução de Fevereiro na França, em 1848. O fundador do mo-

vimento dos trabalhadores foi um editor de jornal; Marcus Thrane (1817-1890). Seu tributo às ideias revolucionárias incendiou e marcou sua posição editorial. Ele então começou a organizar associações de trabalhadores em todo o país e lançou seu próprio periódico, *Jornal da Associação dos Trabalhadores*, subtítulo *Para a Instrução dos Trabalhadores e um Futuro Melhor*. O movimento que fundou cresceu em velocidade explosiva, atingindo cerca de 300 associações com 30.000 membros. Uma petição ao Rei em 1850 recolheu 13.000 assinaturas e chamadas para o sufrágio universal, supressão dos direitos de proteção, reforma do ensino primário e melhores condições para os arrendatários.

Thrane, como muitos reformadores contemporâneos e filantropos, considerava a educação o suporte de um futuro melhor. Ele ainda compartilhou a visão comum de que a pobreza e a miséria “substancialmente” foram causadas por “falta de conduta moral e de instrução”, como a petição cautelosamente declarou (Bjorklund, 1970). Como parte de sua estratégia, portanto, ele estabeleceu uma série de escolas dominicais com o objetivo de proporcionar o ensino elementar com escrita e leitura, incentivou atividades informativas e culturais, organizou palestras, corais e performances teatrais. Em contraste com os filantropos, ele declarou que o principal objetivo do trabalho educacional era a emancipação econômica, material e social da classe trabalhadora. Os trabalhadores, os arrendatários e os pequenos agricultores eram pobres, explicou, porque foram oprimidos e submetidos à tutela de uma “minoría feliz e educada”. Em outras palavras, ele atacou a hegemonia ideológica e cultural das classes dominantes. Portanto, segundo Nissen e as autoridades do Estado, Thrane foi um dos mais perigosos “sedutores e instigadores da rebelião” (Nissen, 1851). Tal como em outros países da Europa, as autoridades do Estado utilizaram a polícia e os militares para combater eficazmente a turbulência política no país após a revolução de 1848. Thrane e um número significativo de dirigentes centrais e locais foram presos e multados em 1851. Quando ele finalmente foi libertado em 1858, após vários anos de severa reclusão, o primeiro movimento de trabalhadores noruegueses estava em farrapos.

Ideologia

Enquanto os fatores acima mencionados podem explicar por que a Sociedade passou a existir no início da década de 1850, temos que analisar a sua ideologia, a fim de chegar a uma compreensão mais completa do seu estabelecimento e atividades. A seguir vou me concentrar em três conjuntos de ideias: primeiro, o pensamento filantrópico residual que convergiu com a preocupação dominante de preservar o controle hegemônico através de meios pedagógicos, em segundo, a emergência de novas ideias sobre o conhecimento e esclarecimento como condição para o progresso e, em terceiro, a influência do pensamento romântico levando à descoberta das pessoas comuns (o conceito de residual, dominantes e emergentes são emprestados de Williams, 1977).

Educação em defesa da hegemonia

A rápida aprovação que Thrane conseguiu, convenceu Hartvig Nissen que os “amigos da educação cívica” tinham que unir forças e “lutar por uma maneira de convencer as pessoas” (Nissen, 1851). A Sociedade deveria, em outras palavras, ser o aparato ideológico das classes dominantes para neutralizar a insurreição de trabalhadores. Para Nissen, essa luta foi parte de uma política de longo alcance em que a instrução do povo foi fundamental, servindo como uma “válvula de segurança para a sociedade”. Além disso, ele argumentou que o movimento de Thrane e a expansão do grupo dissidente provaram que um povo ignorante era uma “presa fácil para sedutores e agitadores”. Como um educador dedicado, ele não viu nenhum outro meio para “salvar as grandes massas de tornarem-se instrumentos cegos nas mãos de agitadores que espalhavam a instrução cívica para círculos cada vez maiores” (*ibidem*).

Uma das preocupações principais dos líderes era preservar o desenvolvimento harmonioso da sociedade. Segundo eles, isso significava que os trabalhadores tinham que reconhecer que a distinção de classe era justa, bem como inevitável. Nissen e os economistas da Sociedade argumentavam fortemente contra

Thrane e seu sistema “do comunismo que nivela tudo”, dizendo que era uma opinião extremamente equivocada acreditar que a sociedade prosperaria a partir de uma distribuição equitativa da riqueza. Uma compensação que considerava um entrave ao progresso, como também à acumulação de capital que pouco iria estimular a prosperidade comum, argumentou Nissen. O mesmo aconteceu, segundo ele, com a riqueza espiritual nacional. A instrução do povo então, não significa compensação, muito pelo contrário, a igualdade prejudicaria toda a educação e esclarecimento e, ao final, traria uma ignorância geral, alegou Nissen (Nissen, 1851; debate parlamentar de 1851, 2, p. 40).

De acordo com a visão liberal, hegemônica na época, os grupos da elite devem preceder, indicando que “sigam sua vocação” e definir a classe dos trabalhadores com eles. A sociedade ideal e harmoniosa é composta por uma “categoria educadora poderosa e uma numerosa e qualificada classe trabalhadora” (Sundt de 1858; Nissen, 1852). No entanto, não apenas a classe trabalhadora teve de ser convencida da importância de um equilíbrio entre a desigualdade e harmonia, os grupos de elite também tiveram de ser convencidos de que eles deviam apoiar os projetos de integração de Nissen. Portanto, ele apelou para o seu próprio interesse: “O bem-estar das classes trabalhadoras também é uma condição necessária para o bem-estar de toda a sociedade” (Seip, 1975:102). Ideologicamente, então, o objetivo da Sociedade foi integrar, pacificar e subordinar a classe trabalhadora sob “a tutela das classes sociais em que a classe com o mínimo de risco poderia lidar com o poder”, como um dos principais intelectuais expressou em seus pensamentos (Seip, 1975:118).

A atitude da Sociedade era claramente filantrópica, significando que a educação envolvia a transmissão de valores, do conhecimento e da compreensão das classes altas para as pessoas comuns. Era uma crença indiscutível que a instrução tinha que emanar dos já instruídos, ou seja, ir de cima para baixo. O conhecimento era um sentido metafórico “uma poça de água que o agricultor através de gasodutos poderia irrigar os seus campos e prados” (em *Folkevennen*, Nissen, 1856).

Educação como uma condição para o progresso

O público contemporâneo observou que os líderes da Sociedade representaram dois projetos, dos idealistas e dos materialistas. O presidente, Hartvig Nissen, era, sobretudo, um idealista assumido. Para ele, a via para a integração social e um desenvolvimento harmonioso da sociedade seria por meio da escolarização e instrução. Os materialistas sugeriam alcançar os mesmos resultados através de meios econômicos e sociais. O líder desta escola de pensamento foi Torkel H. Aschehoug (1822-1909), que se tornou um distinto professor da ciência do direito e da economia, um pioneiro para o desenvolvimento da economia como uma disciplina e um líder político, entre o que chamou de reforma conservadora. Ele reuniu a Sociedade por causa de sua crença na educação como um empreendimento liberal. Mas, Aschehoug sublinhou que este deve ser separado da filantropia. Segundo ele, a real dinâmica e as forças motrizes do desenvolvimento econômico e social era a interação entre o interesse pessoal e a razão, o espírito de iniciativa e de auto-atividade (Seip, 1975). O interesse pessoal cria moralidade, e segundo a teoria liberal, o interesse pessoal coincide com o interesse comum. Aschehoug acrescentou um ponto importante para esta teoria, para o interesse pessoal ter um efeito positivo ele deve ser guiado pelo bom senso e pensamento racional. Se o interesse pessoal e do espírito empreendedor não conduzem à felicidade e prosperidade, foi certamente devido à falta de conhecimento (*Folkevennen*, 1855:189). Daí, a importância atribuída à educação; ao grau de conhecimento e *insights* decidindo se o interesse pessoal conduz ao progresso social ou não.

Este liberalismo dominante do século XIX, do qual Aschehoug foi um porta-voz de destaque, legitimou a inatividade do estado na política social e econômica. Em vez de ajudar a direcionar e apoiar, o Estado poderia oferecer “instrução enobrecida” (Nissen, 1852). Esta visão harmonizada com quase todo o pensamento europeu da época, foi também compartilhada entre os chamados socialistas cristãos da Inglaterra (Kelly, 1970:185). Apesar de

Nissen tentar obter apoio governamental para melhorar o sistema educacional, ele compartilhou, principalmente, o princípio liberal de um Estado que se limitasse a eliminar os obstáculos a fim de estimular a iniciativa privada. Portanto, a Sociedade não deveria agir como um grupo lobista para o Estado, mas sim sua missão era tentar unificar as forças privadas (Nissen, 1852).

A descoberta do povo

O convite para a fundação da Sociedade dizia que o objetivo era o de “ampliar a autoconsciência das pessoas”, explicando que isso significava esforços no sentido de “esclarecer as pessoas sobre a restauração, desenvolvimento e aperfeiçoamento do espírito nacional” (Livro de Atas, 1851). Essa retórica demonstrou a influência da filosofia do romantismo, que tinha sido difundida na Noruega pelo padre e educador dinamarquês Grundtvig. Alguns dos iniciadores eram dedicados *Grundtvigians*, em especial o professor Ole Vig, que Nissen apontou como o editor de *Folkevennen*. Vig foi nesse tempo um reconhecido autor de narrativas, poesias, um livro da história nacional e editor de um jornal do professor. Ele tinha encontrado Grundtvig na Dinamarca e foi um dos grandes impulsionadores dos conceitos míticos românticos do povo e do espírito nacional. Na verdade, a Sociedade exemplificou o que os investigadores da cultura têm chamado da descoberta do povo (Burke, 1994). O conceito de educação popular (ou do povo – em *folkeopplysning*/norueguês) é ele próprio um produto da mesma descoberta, e a Sociedade era útil para consolidar este termo publicamente.

Ole Vig morreu cedo, porém, e Eilert Sundt foi apontado como o novo editor do periódico. Sundt foi educado como um clérigo, e por muitos anos recebeu bolsas públicas para estudar as culturas populares – também uma parte da história da descoberta das pessoas comuns. Através de sua extensa e minuciosa investigação, que incluiu vários temas, como estudos de vagabundos, e as condições de vida dos trabalhadores e pescadores, e os estudos da indústria nacional e as práticas do casamento, ele se tornou um pioneiro da investigação sociológica na Noruega sobre a vida cotidiana, os

modos de vida e os costumes de trabalho. Em contraste com as muitas pessoas que descobriram a leitura por meio da literatura e filosofia romântica, Sundt foi conhecer pessoas comuns, visitando-as em suas salas de estar, conversando com elas, observando-as no trabalho e provando sua comida. No início, ele compartilhou a visão predominante sobre a educação popular, como sendo um processo de civilização através do qual as pessoas se educaram e refinaram a partir de cima, compartilhando do conhecimento literário e da cultura das classes dominantes. Através deste processo de aprendizagem experiencial e transformadora, que foi um resultado de sua descoberta pessoal do povo, ele gradualmente mudou sua visão sobre o progresso e tornou-se, por exemplo, cada vez mais cético dos livros, enquanto meio de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Ele estabeleceu um valor superior a “sabedoria herdada da geração e costumes”, como fontes de conhecimento. Ele descobriu que as pessoas comuns tinham ideias e conhecimentos que eram baseados em uma “longa série de experiências” e realizou um trabalho que até os “acadêmicos especialistas em educação tiveram que aplaudir” (*Folkevennen*, 1864:443). Em outras palavras, seu pensamento desenvolveu uma teoria que tem muito do valor do bem comum, de experiências dos não alfabetizados, como indicado por suas culturas, seus métodos de trabalho e suas ideias. Uma pessoa que tenha sido “devidamente estimulada dentro dos costumes nacionais noruegueses recebeu uma excelente educação”, escreveu ele (*Folkevennen*, 1865:244). Sua visão sobre a cultura deixou de ser um produto da civilização e passou a ser idêntica com a prática comum herdada e expressando o senso comum e a razão do povo (Seip, 1983). Conhecimento, pensou ele, poderia também surgir de baixo para cima e ser criado por meio da própria vida e durante o trabalho diário.

Sundt estava ciente de que sua visão sobre a educação popular diferia da opinião dominante de sua época. No entanto, suas ideias convergem com o raciocínio de Grundtvig para a educação de adultos populares. Na década de 1840, Grundtvig já havia afirmado que as pessoas comuns poderiam ter formas de sabedoria e conhecimentos ao nível do chamado erudito. Ele criticou duramente a escola

tradicional e propôs a alternativa de que “instituições educacionais” deveriam ser estabelecidas onde a autoconsciência das pessoas pudesse emergir, onde todos aprendessem por meio do ensino mútuo e através de um intercâmbio entre o leigo e o erudito (Slumstrup, 1983). Esta interação recíproca (em dinamarquês: *vekselvirkning*) era na verdade um conceito-chave da filosofia educacional de Grundtvig. Ela pode ser entendida simplesmente como o diálogo e a comunicação entre as pessoas que agiam como iguais e aprenderam sobre si mesmos e o mundo. Sundt expressou isso como “ciclos de correntes espirituais”, em que tanto o povo humilde e da elite culta tinha algo a contribuir (*Folkevennen*, 1865:246). O professor e editor Ole Vig – mesmo sendo de origem humilde – promoveu essa ideia através da sugestão prática de criação de associações nas quais pessoas de diferentes classes sociais poderiam – por exemplo, nas noites de domingo – discutir, conversar e ouvir as palestras (*Folkevennen*, 1853: 154 e ss.). Vale ressaltar que a sua ideia – tendo alguma semelhança com a ideia de Ivan Illich de “teias de aprendizagem” mais de cem anos depois – foi de fato colocada em prática através da organização de clubes de jovens. Na virada do século, estes clubes desenvolveram um grande movimento social e tiveram – no espírito de Ole Vig – locais importantes de aprendizagem não formal (Tosse, 2005).

Sundt chegou à conclusão de que a educação popular era basicamente autoeducação. Outros “idealistas”, sobretudo, concordaram. Professor Monrad, por exemplo, um dos iniciadores e porta-voz dos clássicos em educação, entendia a educação como uma assimilação da cultura orgânica que, necessariamente, tinha que vir de dentro, do próprio povo, e tinha de ser movida por uma “profunda vontade popular” (*Folkevennen*, 1855:210-12). Sundt sugeriu que a autoeducação poderia ser introduzida, sistematicamente, em uma disposição de domingos ou em escolas noturnas em conjunto com as bibliotecas públicas, destinadas a jovens entre 15 e 25 anos de idade. Essa faixa etária deve ser “o período de auto-educação” (*Folkevennen*, 1859:87 e ss.). Pessoalmente, ele gastou tanta energia na criação de bibliotecas públicas, mas o seu pensamento sobre a autoeducação apontou, mais tarde,

para o trabalho educativo dos movimentos sociais e a criação de associações de ensino.

Atividades e estratégias

A Sociedade considerou a escola primária importante, mas descobriu que ela desempenhou um papel meramente preparatório e foi insuficiente para o propósito de servir à vida adulta moderna, portanto, eles se voltaram para a educação de adultos. Houve “muito a fazer para facilitar a aprendizagem individual após a conclusão da escola”, proclamou os iniciadores, e seu objetivo geral era o de “ajudar as pessoas de tal maneira que elas encontrassem razões para continuarem a buscar mais educação” (O convite, reimpresso em *Folkevennen*, 1861:649). Esta foi realmente uma nova política e em grande medida, nessa época, a mais abrangente e unificadora tentativa de proporcionar educação de adultos. A principal estratégia, no entanto, era bem conhecida e bem testada na Noruega e em outros países da Europa desde o Iluminismo, ou seja, a divulgação de publicações para o público. O mais importante – e, na realidade, a atividade primária – foi a publicação do periódico, *Folkevennen* com Ole Vig como seu primeiro editor. Em seu curto período como editor (1852-1856), ele escreveu metade de todo o conteúdo e, portanto, contribuiu para o fato de que um terço deste índice ao longo dos primeiros dez anos, foi dedicado à história nacional e da literatura. Segundo Vig, toda instrução útil deve ser histórica. “A história do povo é o melhor alimento para o caráter popular”, disse ele (*Folkevennen*, 1853:154, 1854:1). Obviamente, ele via a sua missão como editor para educar as massas tornando-as o que deveriam ser, ou seja, uma mentalidade nacional e cultura popular em harmonia com o conceito romântico de espírito nacional. O pesquisador de folclore e sociólogo Eilert Sundt contribuiu com outros 17 por cento do índice sobre as condições e os costumes do povo. Além disso, *Folkevennen* também queria espalhar o conhecimento das ciências naturais. Nos primeiros dez anos, os temas elevaram a 12 por cento do índice total. De acordo com o pensamento iluminista, a literatura científica devia emancipar as pessoas de preconceitos e superstições (Hylland, 2002).

Além do *Folkevennen*, a Sociedade produziu um conjunto de outras publicações. Algumas delas apareceram como apêndices a esse periódico e podiam ter um número maior de impressão do que o próprio jornal. Um conteúdo variado de publicações científicas de ficção. Vários relatórios de Sundt para investigação da vida cotidiana e do trabalho eram originalmente publicados como apêndices do *Folkevennen*. A publicação mais popular, entretanto, era um livro sobre as ciências naturais escrito pelo pesquisador sueco Berlim que, até 1862 teve uma tiragem de 55.000 (Tosse, 2005).

O preço de assinatura era relativamente modesto, e durante a década de 1850 o número de assinantes ultrapassou 4.000. Mas não sabemos exatamente quantas pessoas das classes mais baixas eram leitores de *Folkevennen*. Uma pesquisa de assinantes da capital e região circundante realizada em 1857 revelou que apenas três por cento deles poderiam ser classificados como artesãos e trabalhadores. Quando Sundt inquiriu sobre o número e os títulos de publicações literárias na posse das famílias da classe trabalhadora na capital, ele não encontrou nenhum que se destinasse a eles (Sundt, 1858). Há, no entanto, razões para crer que *Folkevennen*, assim como outras publicações, amplamente divulgadas, chegou a muito mais leitores do que assinantes. Sabemos que algumas escolas compraram o jornal, e o relatório anual, em 1861, mencionou que 500 das publicações da Sociedade eram distribuídas para bibliotecas públicas e associações (relatório da Ata).

A fim de atingir as classes mais baixas, alguns dos líderes sugeriram a adoção da palavra viva. Ole Vig estava especialmente interessado em organizar palestras e persuadiu o conselho executivo a conceder o dinheiro para uma turnê de palestras nos municípios ao norte de Oslo (Livro de Atas, 1854). Sundt propôs que deviam ser oferecidas palestras aos trabalhadores da cidade e ele próprio palestrou em noites de domingo em uma das escolas da região operária. Essas conferências foram posteriormente publicadas como apêndices do periódico (Livro de Atas, 1862). Mas as palestras não se revelaram um sucesso. Quando um clube de trabalhadores foi fundado na capital em 1864 – com Sundt como uma força motriz – a Sociedade se limitou a conceder dinheiro para palestras oferecidas pelo clube dos

trabalhadores. Por fim, podemos mencionar também propostas de criação de filiais locais, mas para além de uma em Molde na década de 1870, esses esforços também falharam (Tosse, 2005).

Educação por meio da classe média

O objetivo da Sociedade era esclarecer o povo, mas quem eram essas pessoas? Ole Vig incluiu simplesmente todos, mas ocasionalmente se referia ao “homem comum”, como o “núcleo do povo”. O primeiro relatório anual salientou que a Sociedade estava se dirigindo à “classe mais baixa” ou “a parte inferior do povo” (Livro de Atas, 1853). Elsewhere Vig – mais tarde, como pioneiro da Escola Superior do Povo – explicou, mais precisamente, que era o “campesinato” ou à “população rural” que ele tinha em mente. Pelo menos Sundt incluiu a classe operária das cidades em seu conceito de povo.

A proporção marginal dos membros da classe trabalhadora e os resultados dos esforços de pequenas palestras demonstraram a dificuldade de atingir os grupos-alvo. Várias explicações foram apresentadas, entre elas a “proficiência de leitura miserável” que Sundt descobriu durante suas investigações sociológicas. Gradualmente, a Sociedade conscientemente transferiu seu foco distante das classes mais baixas para a classe média em expansão. Os professores, especialmente, foram considerados de importância estratégica. Os professores eram frequentemente advindos das classes baixas e estavam mais familiarizados com elas. Além disso, mantendo-se regularmente em contato com as pessoas comuns, os professores também podiam influenciar a sua maneira de pensar e de viver. O objetivo, tal como formulado por Nissen, era ter uma grande classe média educada e que “através de sua atração moral e intelectual poderia agregar maior número de trabalhadores para o meio educacional” (Nissen, 1952). Apesar do foco no autoaprimoramento, a instrução deve, afinal, ser divulgada por meio de professores e outros “facilitadores” ou estreitamente relacionado a aliados da classe média. A mesma maneira de pensar também caracterizou a política da escola, a classe média primeiro tem de ser convencida e educada, e então a verdade pode fazer o seu caminho para o resto da população

(Debates Parlamentares, 1851, 2: 50-51).

Esta mudança de foco se tornou ainda mais acentuada após 1867, quando Eilert Sundt retirou-se da sua posição como presidente e foi substituído pelo professor Monrad, conhecido como o defensor e conservador dos clássicos. Em uma declaração pública, em 1870, a nova liderança disse abertamente que as atividades deviam seguir o foco sobre a população educada. Esta mudança política declarada coincidiu com o raciocínio conservador-liberal do economista acima mencionado e o político Aschehoug, a classe média deve ser treinada e educada e os trabalhadores devem ser pacíficos e integrados (Seip, 1975).

Conclusão

Na década de 1850, a Sociedade para a Promoção da Educação Popular era, a meu conhecimento, uma iniciativa única norueguesa, mas representante do liberalismo político da época, uma abordagem filantrópica de educação de adultos e da descoberta do povo que também se apresentou no resto da Europa. O antecedente norueguês era o fracasso dos esforços feitos para implementar as reformas da escola pública e da criação de “escolas superiores” para adultos a fim de proporcionar uma educação cívica de base em um tempo de recuperação e industrialização incipiente. O impulso principal foi, no entanto, o aumento de religiões, instabilidade social e política, como também a organização bem sucedida de um movimento de trabalhadores, na esteira da revolução de Fevereiro, em França, em 1848. Estes eventos convenceram os líderes da reforma conservadora de que a educação popular era uma medida necessária e adequada para impedir as grandes massas de tornarem-se instrumentos cegos nas mãos de agitadores radicais e, possivelmente incentivarem as ideias revolucionárias na Noruega.

Ideologicamente, o trabalho da Sociedade foi associado com a ideia de instrução, como meio para defender a hegemonia das classes dominantes e a crença de que a educação de adultos poderia promover uma maior harmonia social através de hábitos de pensamento. Além disso, alguns dos iniciadores também declararam que a educação de adultos foi um fator crítico no crescimento econômico, que por

sua vez, criou a base para melhorar o padrão de vida para a classe trabalhadora. Assim, a integração social devia ser alcançada não só pela ideologia, mas também por meios materiais. Esse pensamento era profundamente enraizado no liberalismo clássico que exaltava as virtudes do autointeresse. No entanto, para o autointeresse ter um efeito positivo, tinha que ser guiado pelo bom senso e pensamento racional. Daí a importância atribuída à educação.

Juntamente com a ênfase no autointeresse houve uma ênfase similar no autoaperfeiçoamento. Assim, o principal teórico da Sociedade, Eilert Sundt, argumentou que a tarefa da educação de adultos era promover a autoaprendizagem. A missão da sociedade, portanto, não era tanto divulgar o conhecimento, mas como fazer despertar um interesse para o conhecimento e aprendizagem. Através de seus estudos de folclore, o pensamento de Sundt, eventualmente, desenvolveu uma convicção de que havia muita coisa de valor no bem comum das experiências das pessoas comuns, algo adquirido a partir do trabalho e das tradições herdadas. Ele se dissociou da abordagem predominante de cima para baixo e aproximou a educação e argumentou idealmente – de acordo com Grundtvig – que qualquer esclarecimento da população deve envolver uma troca de experiências e ideias entre leigos e os doutos onde ambos eram iguais.

Uma ideia dominante era também o conceito romântico do espírito nacional que poderia ser despertado, desenvolvido e fortalecido através da educação popular, que na prática significava difusão da literatura histórica e conhecimento da cultura popular. O pronunciamento dos iniciadores objetivava desenvolver a autoconsciência do povo através de leituras úteis e nobres. A Sociedade é, portanto, um resultado da descoberta do povo e por sua vez, das bases para a educação popular, que mais tarde levou a movimentos populares e sociais (Tosse, 2005).

A Sociedade seguiu, no entanto, os precursores tradicionais, que acreditavam na difusão do conhecimento para as massas através de material escrito, principalmente pela publicação de um jornal, *Folkevennen*. Embora a leitura deste foi generalizada e atingiu entre quatro e cinco mil, ele não conseguiu “a aprendizagem *trickle down*”, para as classes mais baixas. Por conseguinte, os líderes cada vez mais voltavam-se para os professores e a classe média, acreditando

que eles deviam agir como intermediários e, assim, por meio de suas atrações moral e intelectual poderia agregar maior número de trabalhadores para o meio educacional. Em retrospecto, a ideia de passar a educação de adultos popular através da classe média é uma das principais características do trabalho da Sociedade. A ideologia da classe média de autoconfiança e seus valores também permearam a educação. Os esforços desenvolvidos por alguns dos líderes da Sociedade, particularmente Eilert Sundt, para proporcionar educação aos trabalhadores, com razão, foi denominado de ensino dependente – e, no final do século, foi substituído pela educação dos trabalhadores independentes. O projeto de Sundt para toda a sociedade tem sido caracterizado como uma educação “autoritária” (Bull, 1985).

Referências

BJORKLUND, Oddvar. *Marcus Thrane – sosialistleder i et u-land* (Marcus Thrane socialist leader in a developing country). Oslo: Tiden, 1970.

BULL, Edvard. *Arbeiderklassen blir til. Arbeiderbevegelsens historie i Norge*, bind 1 (The working class arises. The history of the labour movement in Norway, volume 1). Oslo:Tiden, 1985.

BURKE, Peter. *Popular culture in early modern Europe*. Aldershot: Scolar Press, 1994. (Em português: BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1981).

FOLKEVENNEN (The People's Friend). Journal published by the *The Society for the Promotion of the Enlightenment of the People*. 1852-1900.

MINUTES book of the *The Society for the Promotion of the Enlightenment of the People, 1851-1900*. Private archives n. 78, Public Record Office, Oslo.

HYLLAND, Ole Marius. *Folket og eliten* (The People and the Elite). Doctoral thesis, The Faculty of Arts, University of Oslo. Unpublished. 2002.

NISSEN, Hartvig (1851). Grundtræk af en Plan for Omdannelsen af Alm-

ueskolevæsenet paa landet (Essential Features of a Plan for the Reconstruction of the Elementary School in the Country). Reprinted in H. Nissen (1876). *Afhandlinger vedrørende det høiere og lavere Skolevæsen* (Treatises concerning the primary and secondary school system). Christiania.

NISSEN, Hartvig (1852). Om almueoplysningen og Almueskolen (On the enlightenment of the common people and the elementary school). Reprinted in H. Nissen (1876). *Afhandlinger vedrørende det høiere og lavere Skolevæsen* (Treatises concerning the primary and secondary school system). Christiania.

SEIP, Anne-Lise. *Vitenskap og virkelighet. Sociale, økonomiske og politiske teorier hos T. H. Aschehoug 1845-1882* (Science and reality. The social, economic and political theories of T. H. Aschehoug 1845-1882). Oslo: Gyldendal Norsk Forlag, 1975.

SEIP, Anne-Lise. *Eilert Sundt. Fire studier* (Eilert Sundt. Four studies). Oslo: Universitetsforlaget. 1983.

SLUMSTRUP, Finn. Kernebegreper i Grundtvigs oplysningstanker (Basic concepts of Grundtvig's educational reasoning). In *Grundtvigs oplysningstanker og vor tid* (Grundtvig's educational reasoning and our time). København: Nordisk folkehøjskoleråd. 1983.

PARLIAMENTARY DEBATES

SUNDT, Eilert (1858/1968). *Om Piperviken og Russeløkbakken. Undersøkelser om arbeiderklassens kår og sæder i Christiania* (About Piperviken and Russeløkbakken. Inquiries concerning the circumstances of the working class in Christiania, now Oslo). Oslo: Tiden Norsk Forlag. (Reprint 1968.)

TOSSE, Sigvart. *Frå folkeopplysning til vaksenopplæring* (From Enlightenment of the People to Adult Education). Doctoral thesis, the Faculty of Social Sciences, NTNU. Unpublished. 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Marx and Literature*. Oxford: Oxford University Press. (Em português: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979). 1977.